



FRANÇA / Apesar da recente vitória nas urnas, presidente vê desempenho histórico da extrema-direita, de Marine Le Pen, como uma ameaça para as eleições legislativas de junho. Especialistas dizem que radicais querem transformar o pleito em referendo sobre o governo

A nova batalha de Macron

» RODRIGO CRAVEIRO

Emmanuel Macron terá mais cinco anos pela frente no comando do Palácio do Eliseu. A vitória no segundo turno das eleições presidenciais — 58,5% dos votos contra 40,5% para a ultraconservadora Marine Le Pen — está longe de garantir um segundo mandato tranquilo. As urnas trouxeram ao líder da centro-direita uma importante lição: a França está profundamente dividida. Elas também deram à extrema-direita a votação mais expressiva de sua história.

O processo eleitoral implodiu os partidos tradicionais, como os Socialistas e os Republicanos (de direita). Para unir a nação e viabilizar a governabilidade, Macron aposta todas as fichas nas eleições legislativas marcadas para 12 e 19 de junho. Le Pen, por sua vez, vê a nova eleição como uma oportunidade de reafirmar o bom desempenho eleitoral e de enfraquecer Macron.

Na madrugada de 25 de abril, ao reconhecer a derrota, Le Pen anunciou: "Lançamos esta noite a grande batalha eleitoral das legislativas". As eleições parlamentares também são vistas como uma espécie de "terceiro turno" pela esquerda radical. Por sua vez, Macron pretende assegurar uma bancada confortável para impulsionar seu plano de governo rumo a uma "França mais independente" baseado no "trabalho", com foco na ecologia e no social. Segundo a agência de notícias *France-Presse*, o presidente quer transformar o país por meio do "renascimento" da energia nuclear e da meta de obter neutralidade do carbono em 28

anos. Também deseja aumentar a idade de aposentadoria dos 62 para os 65 anos — medida bastante impopular.

Na última sexta-feira, o Partido Socialista interrompeu as tratativas sobre uma coalizão de esquerda com a França Insubmissa, de Jean-Luc Mélenchon. "Queremos chegar a um acordo entre todos os partidos de esquerda e os ecologistas", anunciou Olivier Faure, líder dos socialistas. "Mas para isso, necessitaremos de uma lógica compartilhada verdadeira. Temos que quebrar essa lógica hegemônica e aceitar a pluralidade. Neste momento, não temos qualquer garantia disso." Mais um sinal do desgaste dos socialistas.

Jean-Yves Camus, cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris), em Paris, afirmou que Macron tem buscado antecipar as eleições legislativas em um mês — de junho para maio — para "surfar na onda" da vitória no pleito presidencial. "De qualquer forma, essa será uma eleição sem representação proporcional. Isso significa que tanto a esquerda radical quanto a extrema-direita geralmente ganham um número de assentos que não reflete a força vista na corrida presidencial", explicou ao *Correio*.

"Jean-Luc Mélenchon (extrema-esquerda) e Marine Le Pen (extrema-direita) querem transformar as legislativas em uma espécie de referendo contra Macron. Eles podem ser ajudados pelo fato de a abstenção costumar ser alta: eleitores bastante militantes votam mais do que a média do cidadão. Como as eleições para a Câmara dos Deputados ocorre depois da

Benoit Tessier/AFP



Macron acena de seu carro após visitar o mercado de Saint-Christophe em Cergy, no subúrbio de Paris

presidencial, o partido governista sempre tem confirmado a maioria", acrescentou Camus.

Expectativas

De acordo com Camus, levando-se em conta o fato de não haver proporcionalidade nas eleições legislativas, as expectativas de Le Pen são altas. "Em 2017, o seu partido Frente Nacional obteve oito assentos na Assembleia Nacional, enquanto ela conquistou 10 milhões de votos na disputa presidencial naquele ano. Ela pode esperar um resultado melhor agora, incluindo ser reeleita em sua própria circunscrição eleitoral. No entanto, será

preciso assegurar 15 assentos para formar uma facção parlamentar — a Câmara dos Deputados conta com 577 cadeiras. Se o partido de Le Pen ganhar 15 assentos, obviamente será uma grande vitória. Alcançar maioria na Câmara está além da imaginação."

Professor emérito da Universités des Sciences Po Paris, Bertrand Badie disse   reportagem que o espectro político francês encontra-se em uma "estranha situa o". "Em primeiro lugar, o vencedor não   apoiado por um partido político e uma coalizão política verdadeira, o que dificulta a campanha para as elei es legislativas. Em segundo lugar, não existe uma estrutura o

clara dos eleitores franceses que foram muito mais motivados pelas op es negativas, como protestos, ira social ou o desejo de conter a ameaça da extrema-direita", observou.

Badie acredita que Macron ter   problemas para governar. Ele ressaltou que o presidente foi reeleito pelos votos negativos — daqueles eleitores que não aceitavam o risco de terem uma liderança da extrema-direita. "O  ndice de absten o foi alto. No geral, as pessoas estão realmente ficando cansadas de entregar votos negativos, em vez de escolher um presidente. Isso tem ocorrido em todas as elei es desde 2002!", afirmou.

Pontos de vista

Por Jean-Yves Camus

Desafios enormes

Arquivo pessoal



"Macron enfrentar   desafios enormes. Ainda que ele tenha vencido facilmente com 58% dos votos, isso não significa que 58% dos eleitores apoiem suas políticas. Eles votaram contra Marine Le Pen. Macron precisar   formar um gabinete que seja aceit  vel para a direita moderada (os Republicanos). O novo governo ter   que incluir um número de progressistas da esquerda. Caso contr  rio, aqueles eleitores que apoiam a esquerda ter  o a impress  o de que foram enganados."

Cientista político do Instituto de Relac es Internacionais e Estratégicas (Iris), em Paris

Por Bertrand Badie

O peso local no voto

Patrice Normand/AFP



"As elei es legislativas jams   foram favor  veis a Marine Le Pen ou a seu partido, enquanto ela geralmente obt  m melhores resultados no pleito presidencial. Os franceses geralmente preferem aqueles candidatos que est  o enraizados no campo local, mesmo que Le Pen espera se beneficiar da campanha presidencial bem-sucedida."

Professor emérito da Universités des Sciences Po Paris

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Angelina Jolie faz visita surpresa   Ucrânia

A atriz e ativista Angelina Jolie, representante do Alto Comissariado da ONU para Refugiados, fez uma visita surpresa a Lviv, no oeste da Ucrânia, ontem. Na esta o de trem da cidade, principal conex  o com países da Europa, Angelina Jolie conversou com ucranianos que fugiram das zonas de combate e com volunt  rios que prestam ajuda psicol  gica aos refugiados. Ela dedicou uma aten o especial às crianças, que s  o as que mais sofrem com a guerra. "Elas devem estar em choque. Sei como o trauma afeta as crianças, mas sei que tem gente mostrando o quanto elas s  o importantes, o quanto a voz delas importa", disse a atriz. "Para n às, esta visita foi uma surpresa", escreveu o governador da regi  o, Maxim Koztytski, no Telegram, rede social na qual tamb  m compartilhou fotos e vídeos da atriz brincando com as crianças e com os volunt  rios.

Koztytski tamb  m visitou no hospital as crianças feridas durante o bombardeio da esta o de Kramatorsk (leste) em 8 de abril, atribuído   Rússia, e que deixou mais de 50 civis mortos, segundo o governador. Até agora, o conflito forçou 5,4 milh ões de ucranianos a deixarem seu país e mais de 7,7 milh ões fugiram e est  o deslocados internamente, segundo uma estimativa da ONU.

Marcas de tortura

Ontem, as autoridades ucranianas informaram a descoberta de tr às corpos de homens com marcas de tortura, em uma área que foi ocupada durante semanas pelas tropas russas. Os cad  veres, retirados de uma vala da localidade de Myrotske, estavam com as m  os amarradas e os olhos vendados, segundo descri o do chefe de polícia de Kiev, Andriy Nebytov.

"As vítimas foram torturadas durante muito tempo. No final, cada uma recebeu um tiro na t  mpora", disse.

Myrotske fica perto de Bucha, cidade da regi  o de Kiev que virou símbolo das atrocidades da guerra na Ucrânia desde a descoberta, no início de abril — ap às a saída das tropas russas —, de dezenas de corpos de pessoas com roupas civis espalhados pelas ruas.

Nebytov disse que, em Myrotske, "os ocupantes [russos] tentaram esconder evid  ncias de seus abusos, ent  o, jogaram os corpos em uma cova e os cobriram com terra".

Promotores ucranianos disseram nesta semana que identificaram mais de 8 mil crimes de guerra desde o início da invas  o russa, em 24 de fevereiro, e investigam 10 soldados russos

twitter/ Lviv Regional State Administration



A atriz Angelina Jolie distribuiu aut  grafos e posou para fotos com crianças ucranianas em Lviv

por suposto envolvimento nas atrocidades de Bucha.

A Rússia nega seu envolvimento nos massacres e afirma que   uma arma o orquestrada pelo governo ucraniano.

As tropas russas, confrontadas com uma resist  ncia inesperada no norte, concentram seus

ataques h   v  rias semanas no leste, onde contam com o apoio de separatistas pr  -russos na regi  o de Donbass, e no sul.

Kharkiv, no leste, foi alvo de bombardeios de artilharia, que deixaram um morto e cinco feridos, segundo informa es da administra o militar da cidade, a

segunda maior da Ucrânia.

Em Odessa, na costa do Mar Negro, a pista do aeroporto da cidade foi destruída por um míssil. N  o houve vítimas.

O governo ucraniano reconhece que v  rias aldeias da regi  o de Donbass caíram nas m  os dos russos, mas garante

que tamb  m est   provocando golpes significativos. "A situa o na regi  o de Kharkiv   dura, mas nossas Forças Armadas, nossa intelig  ncia, registraram importantes  xitos t  ticos", declarou Zelensky em um discurso exibido na televis  o.

Troca de prisioneiros

As tropas ucranianas anunciaram que recuperaram um vilarejo "importante estrategicamente" perto de Kharkiv, Rússia Lozova, e que retiraram centenas de civis.

Em Mariupol, a Rússia conseguiu assumir o controle do porto da cidade, ap às semanas de cerco e bombardeios. Mas o último reduto de combatentes, ao lado de muitos civis, persiste nos túneis do grande complexo siderúrgico de Azovstal. A ONU tenta retirar os civis, mas Dennis Pushilin, líder da regi  o separatista pr  -Moscou de Donetsk, acusou as forças ucranianas de "atuar como terroristas" por supostamente reter os civis na siderúrgica.

Um grupo de 14 ucranianos, incluindo uma militar gr  vida, foram trocados ontem por um número indeterminado de prisioneiros russos, de acordo com a vice-primeira-ministra ucraniana, Irina Vereshchuk.